

Bacha vê um avanço na negociação com credores

por Guilherme Barros
do Rio

O ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Edmar Bacha, considerou o pré-acordo do Brasil com os bancos credores um avanço em termos de negociação convencional da dívida externa. O ponto fundamental, segundo ele, foi o condicionamento do pagamento dos juros ao ingresso de dinheiro novo.

Com isso, o economista destacou que, pela primeira vez, os bancos admitiram o princípio do refinanciamento dos juros. "O avanço pode ser definido pelo fato de os credores condicionarem a entrada de novos recursos não a critérios de desempenho de política econômica mas sim ao esforço que o País

está fazendo para pagar parte dos juros", explicou.

Bacha, que é consultor do Grupo dos 24 do Banco Mundial, deixou claro, no entanto, que, ao fazer estas afirmações na sexta-feira, não tinha detalhes do pré-acordo do Brasil. Seus comentários se basearam especificamente nas notícias divulgadas pelos jornais no dia anterior.

Mesmo assim, afirmou que o acerto externo obtido pelo Brasil, dentro dos esquemas convencionais de negociação, também pode ser considerado positivo porque, caso o Brasil tenha de declarar uma nova moratória, não o fará mais unilateralmente. Como o pagamento dos juros está condicionado à entrada de dinheiro novo, caso os bancos deixem de fazer aporte de recursos, o Brasil poderá novamente recorrer à moratória, agora de forma bilateral.

O economista não considera o fato de o acerto da dívida estar atrelado a um futuro acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) um retrocesso. O importante, para ele, é o País ter conseguido uma redução das transferências de recursos para o exterior.

Além disso, destacou que também pode ser considerado um avanço substancial; de certa forma implícito neste pré-acordo, o princípio do contingenciamento do pagamento dos juros à eventualidade de futuros choques na economia internacional.

FUNARO — O ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, fez severas críticas aos países desenvolvidos, credores do Brasil, que atualmente criam dificuldades "para o bom entendimento entre nações ricas e pobres", de acordo com a EBN.

Funaro salientou que os discursos das nações ricas, são sempre de enobrecimento à amizade entre os povos, porque querem "construir um mundo melhor". Mas na prática, adiantou Funaro, quando se trata da área econômica "estão fazendo um dos capítulos mais selvagens de que o mundo teve conhecimento".